

SESSÃO DO
PROFESSOR

UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAU/UNIVALI

ELIANA BHERING¹
MARIA HELENA CORDEIRO²
MATHEUS V. M. DE OLIVEIRA³
SABRINA SCHLINDWEIN⁴
TATIANA ZIPPERER⁵

¹ Ph.D. pelo Institute of Education - University of London - Inglaterra. Professora Pesquisadora na Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. E-mail: eliana.bhering@terra.com.br

² Ph.D. pelo Institute of Education, University of London - Inglaterra. Professora Pesquisadora na Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. E-mail: mhcordeiro@cehcom.univali.br

³ Acadêmico do curso de Psicologia da UNIVALI. E-mail: matheusvilom@hotmail.com

⁴ Acadêmica do curso de Psicologia da UNIVALI. E-mail: sabrina@hotmail.com

⁵ Acadêmica do curso de Psicologia da UNIVALI. E-mail: fytzpel_psico@hotmail.com

Introdução

Este relato de experiência pretende mostrar parte de um trabalho que está sendo desenvolvido pelo Programa Integrado de Educação Infantil - PINTEI na UNIVALI. O PINTEI é fruto do trabalho do grupo de Pesquisa, Desenvolvimento e Educação Infantil do Programa de Mestrado em Educação UNIVALI. A proposta do programa é desenvolver um projeto que envolverá atividades de ensino, pesquisa e extensão, incluindo alunos de graduação em Psicologia e Pedagogia, Pós-graduação *Latu Sensu* e *Stricto Sensu* na área, seguindo uma série de etapas até que o programa tenha alcance para além dos limites da universidade. O objetivo principal deste programa é disseminar informações e desenvolver formações profissionais sobre uma prática de educação infantil que esteja centrada na criança e que reconhece seus direitos, interesses, capacidade e habilidades através da formação inicial e continuada de professores. A ação desenvolvida no Colégio de Aplicação UNIVALI - CAU dá início ao desenvolvimento do PINTEI na medida em que, a partir desta experiência, as próximas etapas poderão ser desenvolvidas. O presente relato versará sobre a primeira etapa deste projeto.

Esta primeira etapa diz respeito ao trabalho que vem sendo desenvolvido na Educação Infantil do Colégio de Aplicação UNIVALI - CAU junto às educadoras e coordenadora. Uma das razões pela qual o PINTEI incluiu a Educação Infantil CAU no seu plano de ação é o fato de que o colégio como um todo é campo de ensino, pesquisa e extensão para um grande número de cursos da UNIVALI e para o Mestrado em Educação. O PINTEI os auxiliaria a organizar este campo de

ação dos universitários de maneira a propiciar aprendizagens significativas para ambos os lados e ainda desenvolver atividades para serem oferecidas à comunidade em geral do município e da região. Desta forma, o PINTEI reúne ações de interesse do CAU, da comunidade discente, docente e população em geral.

Os objetivos desta primeira etapa incluem também ampliar tanto o período de atendimento como o número de vagas da Educação Infantil. Para isto, foi iniciado um grupo de estudo com o grupo integrante do PINTEI, a equipe da educação infantil do CAU e os estagiários de Psicologia. Nesta primeira etapa, o grupo PINTEI sugeriu o estudo de uma proposta norte americana chamada High/Scope (vide artigo sobre esta abordagem neste volume) porque o estudo desta abordagem abrangeia vários aspectos que o PINTEI estava recomendando que fossem avaliados e revistos na Educação Infantil CAU. Percebeu-se desde o início que seria necessário abordar questões como rotina diária, interação adulto/crianças, materiais disponíveis, lista de materiais, proposta metodológica e pedagógica, planejamento e, portanto uma nova organização do espaço. Além disso, um dos principais motivos para o estudo desta proposta é a possibilidade de desenvolver um trabalho com grupos de idades mistas. Os grupos de idades mistas nos possibilitam uma série de intervenções que ampliam e enriquecem as oportunidades tanto pedagógicas quanto administrativas (vide artigo de Dias e Bhering neste volume sobre este tema).

A Educação Infantil CAU vem trabalhando com a mesma equipe há vários anos e, portanto acredita-se que o potencial deste grupo motivado e unido deveria ser aproveitado para além do que a Educação Infantil CAU estava naquele momento oferecendo à comunidade (o atendimento a crianças a partir de 2 anos e meio a 6 anos). A partir daí, visualizou-se a possibilidade de abrir mais vagas para crianças entre 18 meses e 6 anos e trabalhar com uma proposta onde as crianças teriam a oportunidade de interagir com colegas de várias idades em diversos momentos da rotina diária.

Considerando a perspectiva administrativa, a proposta das idades mistas seria também uma tentativa de garantir a permanência do corpo docente da Educação Infantil CAU, pois, evitaria que se dispensassem matrículas excedentes de crianças de uma certa faixa etária enquanto num grupo de outra faixa etária ainda houvesse vagas disponíveis. Desta forma, foi proposto, a partir de 2004, que crianças entre 2 anos e meio e 5 anos e meio fossem agrupadas da seguinte forma: *grupo a: 2 anos e meio a 4 anos; 3 anos e meio a 4 anos e 10 meses; 4 anos a 5 anos e meio*. As crianças entre 18 meses e dois anos e meio e aquelas acima de 5 anos e meio constituiriam grupos mais homogêneos. Entretanto, todos os grupos poderiam desencadear um trabalho em parceria uns com os outros. Esta decisão deu abertura para crianças menores e grupos de idades mistas, incentivou o grupo a intensificar sua prática de trabalhar com os cantinhos, com a exploração direta dos materiais, repensar a interação adulto/crianças, assim como exercitar a autonomia das crianças em decidir suas atividades e campo de ação. Além disso, a proposta incluía aproveitar todo o espaço disponível do prédio da educação infantil para diferentes atividades delineando o trabalho delas em parceria.

O trabalho desta primeira etapa desenvolvida pelos estagiários de Psicologia se constituiu do estudo da proposta do High/Scope. A partir deste estudo, procurou-se abordar os seguintes tópicos:

- a proposta de grupos de idades mistas;
- o arranjo espacial das salas;
- o investimento na proposta pedagógica dos 'cantinhos';
- a revisão da lista de materiais e seleção dos materiais/equipamentos necessários;
- a estrutura da rotina diária;
- os tipos de atividades oferecidas e suas implicações;
- a justificativa para nova ênfase e reflexões sobre interação adulto/criança;
- trabalhar para compreender melhor a concepção de infância e criança atual e a partir do que é oferecido a elas na instituição.

A proposta do High/Scope vem auxiliando muito nesse projeto e, através de seu material impresso (HOHMANN e WEIKART, 1997) e em vídeo (High/Scope Foundation), pôde-se dedicar tempo para cada aspecto que o High/Scope pontua como importante: a rotina diária, a arrumação da sala e a distribuição do material, a interação adulto/criança, a ênfase no planejar-fazer-rever (revelando a autonomia da criança); a ênfase no processo de execução das atividades ao invés da expectativa de um produto final em cada atividade feita, e atividades em pequenos e grandes grupos na sala.

Dentro da proposta do PINTEI, os estagiários de Psicologia foram inseridos nas salas com as crianças e educadoras para que se pudesse conhecer o trabalho que elas vinham desenvolvendo já com vistas à reflexão que iria se fazer ao longo do ano de 2003 junto com a equipe do CAU. O papel dos estagiários, por meio de uma observação participante, era auxiliar as professoras e as crianças em todos os momentos da rotina diária, e ao mesmo tempo, observar com cuidado a prática para que fosse possível mediar a discussão dos tópicos propostos pela equipe do PINTEI. O objetivo principal do estágio dentro da ação do grupo PINTEI era provocar uma reflexão sobre a prática vigente a partir do referencial do High/Scope, uma vez que esta abordagem dá ênfase à ação do adulto em relação às atividades disponíveis para as crianças e enfatiza a importância da reflexão sobre a atuação do adulto para apoiar o desenvolvimento dos projetos e atividades propostas pelas crianças e a elas disponíveis. Além disso, a intenção, em relação a atuação dos estagiários, como estudantes de Psicologia, era que vivenciassem um trabalho que valorizasse a expressão e a linguagem da criança em todos os sentidos e experimentassem situações onde a inserção de psicólogos tem sido tão desejada e necessária.

Os estagiários estiveram presentes em sala com as crianças e professoras durante todo o ano de 2003, envolvendo-se com os vários aspectos da rotina diária e eventos promovidos pela educação infantil. A atuação deles também ocorreu por meio da participação em todas as reuniões do Grupo PINTEI com a equipe

da educação infantil CAU e das supervisões com a coordenadora do projeto. Nestas reuniões foram discutidas as dúvidas com o objetivo de enfrentar as resistências ao novo desafio que causava impactos sobre toda a equipe e a prática habitual das professoras. Essas reuniões também ajudaram a visualizar o estágio como um recurso para apoiar o processo da formação continuada das professoras monitorando as mudanças sutis que ocorriam em cada sala. Para os próprios estagiários, as reuniões contribuíram para a reflexão sobre o lugar do psicólogo em instituições de educação infantil. Os três estagiários se dividiam da seguinte forma: um estagiário nas turmas de crianças de 2-3 anos e de 3-4 anos; outro nas duas turmas de 4-5 anos; e outro nas duas turmas de 5-6 anos. A atuação deles esteve sempre preocupada e voltada para a vivência e discussão sobre os seguintes tópicos:

- As várias formas que os cantinhos podem ser desenvolvidos e organizados;
- A interação adulto/criança e criança/criança;
- Rotina diária a partir da proposta planejar/fazer/rever – High/Scope;
- Rotatividade de materiais em sala;
- A utilização dos espaços coletivos da instituição;
- As aulas de computação, inglês e educação física;
- A participação, ajuda e *feedback* dos pais;
- Demandas de diferentes faixas etárias;
- Constituição das turmas de idades mistas para 2004;
- A proposta que embasa a decisão pelas turmas de idades mistas;
- A inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais;
- Oferta de vagas –a capacidade e necessidades da instituição;
- Custo/benefício da Educação Infantil levando em consideração: o número de adultos e de crianças; a capacidade de atendimento; e a carga horária e os planos para expansão;
- a formação continuada.

Abaixo, são apresentadas algumas mudanças evidenciadas ao longo do ano de 2003 e uma reflexão conclusiva sobre a implementação deste projeto no CAU. É importante ressaltar que a participação dos estagiários de Psicologia (que, conforme regra deste curso na UNIVALI, cumpriam um estágio obrigatório de dois semestres na área da Psicologia Educacional) foi de grande importância para ambos os lados: para eles mesmos, por terem passado por uma experiência nova que exigia a apreensão de novos conhecimentos não abordados no curso de Psicologia (por exemplo, a abordagem High/Scope), mas que acrescentava aos seus conhecimentos prévios sobre desenvolvimento e aprendizagem, assim como sobre a formação de professores; e pela vivência do cotidiano da educação infantil; e para a instituição, que usufruía da participação da Psicologia, a qual ajudava a ampliar seus conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil. Além disso, o programa PINTEI contava com mais este recurso, os estagiários de

psicologia, para tornar possível sua implementação conforme cronograma pré-estabelecido. Durante o ano de 2003, com base nas necessidades apontadas pelas professoras e detectadas pela equipe do PINTEI e pelos estagiários, várias ações, reflexões e discussões foram desenvolvidas de forma integrada tornando visíveis as mudanças ocorridas em sala e na ação das professoras.

O Colégio de Aplicação UNIVALI - CAU situa-se dentro do campus matriz da universidade atendendo os filhos de professores, funcionários e alunos, como também atende crianças de toda a área de abrangência da universidade. O colégio possui educação infantil (período vespertino), ensino fundamental (matutino e vespertino) e médio (matutino) e o número de alunos varia, normalmente, em torno de 900. O colégio cobra mensalidades que variam de acordo com o nível escolar oferecido, mas tanto filhos de professores como de funcionários podem vir a receber bolsas de estudo de acordo com a carga horária na instituição. Essas bolsas podem chegar a 50%. O colégio ainda distribui algumas bolsas parciais de estudo para alunos com necessidades especiais. A Educação infantil tinha, em 2003, 76 alunos distribuídos em 6 grupos e atendia alguns casos de necessidades especiais (paralisia cerebral, surdez e Síndrome de Down). Cada grupo contava com uma professora e uma ajudante de turma geralmente estudante de Ensino Médio do CAU ou de Pedagogia na UNIVALI.

A primeira etapa do projeto consistiu em uma observação participante e detalhada da dinâmica das salas, identificando o estilo de rotina diária, os recursos disponíveis em sala para as crianças, a natureza das atividades, e o estilo de interação adulto/criança. Nesta etapa, os estagiários interagiam com a professora e crianças durante todo o tempo em que permaneciam nas salas. O estilo de rotina diária e a natureza das atividades desenvolvidos nas salas eram semelhantes, mas havia adequação das atividades em relação à faixa etária das crianças. As atividades eram desenvolvidas a partir das decisões das professoras e os materiais eram, então, disponibilizados nas salas de acordo com as atividades propostas por elas. O planejamento era sempre feito pelas professoras com a ajuda da equipe pedagógica do colégio e programado para acontecer de acordo com as escolhas pré-definidas pelos adultos. A rotina era, então, desenvolvida a partir deste planejamento.

Com base nas observações das professoras e os contatos frequentes delas com os estagiários e a equipe do PINTEI, as salas, aos poucos, foram sendo reorganizadas em cantinhos, tornando os materiais cada vez mais disponíveis para as crianças. Isto permitiu que as crianças tivessem mais oportunidades de escolha a partir de seus próprios interesses. Os cantinhos foram estruturados tanto no espaço da sala como nos corredores. Os cantos incluíam: o da sucata (caixas de embalagens de plástico, de papelão, pedras, recortes de papéis, linhas, latas, palitos, canudos); dos jogos (jogos infantis em geral como memória, cilada, cartas, varetas, blocos lógicos, jogos de encaixe); da fantasia (fantasias, adereços e acessórios, fantoches); da casinha (peças de casa em miniatura, como mesinhas e cadeiras, peças de cozinha em desuso como panelas, potes plásticos; aparelhos eletrônicos em desuso como teclados de computadores, telefones, câmera fotográfica, ferro de passar); das artes (cola, tesoura, tintas, folhas, papel picado, fita adesiva, pincéis); dos brinquedos (bonecas e bonecos, carrinhos, aviões, berço); e da literatura (livros,

jornais, revistas, dicionário) ampliando o campo de ação da criança. No decorrer do ano, foram sendo feitas mudanças nos cantinhos a partir dos interesses das crianças e andamento das atividades escolhidas por elas. Percebeu-se que as crianças iam à busca dos materiais de diferentes cantos para desenvolver suas atividades e executar suas idéias, como por exemplo, após escolher o canto das artes, uma criança decidiu fazer uma pintura que incluía a utilização de outros materiais indo buscar no canto das sucatas fitas e recortes de caixa. Esta ação da criança demonstra a iniciativa e autonomia dela neste novo espaço e rotina diária.

Visando facilitar o desenvolvimento das atividades nos cantos e aumentar as possibilidades de ação e a autonomia das crianças, as professoras, aos poucos, foram estruturando os cantos de maneira que as atividades realizadas pelas crianças se tornassem mais complexas e desafiadoras. Notavam que as crianças tinham necessidades de ter mais materiais para mantê-las motivadas e inspiradas. Desta forma, estimulava-se os interesses e iniciativas das crianças para atuar nos cantos, ampliando suas aprendizagens. Alguns cantos foram levados para o corredor, para que outras crianças também os pudessem utilizar favorecendo assim a interação entre diferentes faixas etárias (isto foi feito já com vistas na implementação de grupos de idades mistas). O corredor é um espaço amplo que não era utilizado para este fim até então.

Para que os cantinhos fossem possibilitados de acordo com a proposta deste trabalho, os materiais já existentes foram re-organizados e houve a necessidade de buscar novos recursos, equipamentos, mobiliários e materiais. Desta forma, iniciou-se a revisão da lista de materiais que é regularmente pedida tanto aos pais como à instituição. Estas listas foram elaboradas a partir de discussões acerca do que seria necessário para as atividades das crianças e que facilitaria a atuação das professoras. Uma nova lista de material foi estruturada para o ano de 2004 já agora com algumas mudanças daquilo que era usualmente pedido. Além disso, durante o ano de 2003, foi possível fazer algumas solicitações de materiais, tanto para os pais, quanto para Colégio de Aplicação UNIVALI – CAU e ainda para outras instituições, para enriquecer os cantinhos.

A rotina diária envolve etapas que estruturam o funcionamento do dia-a-dia na educação infantil. Ao reorganizar a disponibilidade de materiais e recursos para as crianças dando mais autonomia de escolha para elas, o estilo da rotina diária passou a ser diferente também. A partir das contribuições da abordagem do High/Scope, a rotina diária passou a ser realizada em tempos de atividades que possibilitavam o trabalho em pequenos grupos e em grande grupo, assim como proporcionou uma organização integrada entre as salas, facilitando e enriquecendo a troca de experiências entre as crianças. A intenção de definir os tempos de atividades era de ajudar as crianças a se localizarem no tempo no que diz respeito à seqüência de atividades da rotina diária, e permitir que elas pudessem compartilhar com a professora o controle do que fazem ao longo do dia.

A partir desta rotina, no momento de brincadeira livre, chamado na instituição de “tempo livre”, as crianças podiam vivenciar o planejar-fazer-

e-rever (vide artigo de Weikart neste volume) aprendendo sobre seus limites, suas responsabilidades, habilidades, alcance e direitos. A rotina foi construída a partir de uma estrutura baseada na abordagem High/Scope, tomando o seguinte formato: chegada na sala, assembléia inicial, atividade nos cantinhos (“tempo livre”), higiene, lanche, escovar os dentes, parque, atividade dirigida em grande grupo, assembléia final. Todos estes momentos eram coordenados pela professora, levando em conta as características próprias às idades e preferências das crianças. Note que, ao permitir que o tempo livre aconteça e que haja uma atividade dirigida pela professora para o grande grupo, as professoras e crianças começam a compartilhar o controle das decisões: em uma parte da rotina as crianças podem decidir o que fazer (e a professora interage com elas o tempo todo para que ela possa planejar novos cantinhos, trazer novos materiais e propor novos desafios) e na outra parte, a professora dirige a atividade que geralmente visa a aquisição ou prática de uma habilidade e/ou conhecimento específico. As atividades das crianças, em determinados momentos da rotina diária, podiam ser realizadas individualmente, em pequenos grupos e em grande grupo. Como afirmam Spodek e Saracho (1998. p. 136),

Os professores de primeira infância proporcionam grandes blocos de tempo por atividade, e a gama de alternativas disponíveis para as crianças durante eles comporta um certo grau de individualidade e permite aos professores planejarem diferentes resultados para cada criança

No início do desenvolvimento deste projeto, as professoras, durante a assembléia, sugeriam uma discussão e, de acordo com o desenvolvimento das conversas, as atividades e/ou materiais eram apresentados. As professoras, de acordo com o seu planejamento, traziam propostas de atividades para que as crianças escolhessem quais delas queriam desenvolver. A assembléia no início da tarde já era prática comum em todos os grupos, porém era utilizada para apresentação de novidades trazidas pelas crianças ou para a apresentação das atividades preparadas pela professora. Aos poucos, a assembléia passou a ser um momento de “planejar”, e o momento seguinte um tempo de “fazer”, conhecido como período de brincadeira livre (baseada na definição do “free play”, aqui como tempo livre) onde as crianças desenvolvem suas idéias, projetos e ações (vide artigo do Weikart neste volume). O local de realização destas atividades era nos cantinhos, nas mesas ou no chão, ou ao ar livre e as crianças começaram a ter a possibilidade de negociar com a professora para ir a outras salas quando necessário (por exemplo, para buscar materiais), podendo ou não permanecer na outra sala. Depois de terminado o tempo livre, era feita uma reflexão sobre os trabalhos realizados pelas crianças (“rever”).

A possibilidade de ter acesso aos outros grupos e de participar das atividades desenvolvidas nas outras salas permitiu que as professoras comessem a visualizar o trabalho que poderia ser desenvolvido com os grupos de idades mistas. As turmas mistas estimulam os professores a criarem diferentes possibilidades de atividades para atenderem às demandas das diferentes

fases do desenvolvimento das crianças. Estas atividades oferecem ampla variedade de interações e são viabilizadas pela organização do espaço em cantos variados e acessíveis às crianças. Esta proposta possibilita à criança a vivência de diversos papéis, o desenvolvimento gradual da autonomia e responsabilidade aprendendo a considerar diferentes perspectivas e pontos de vista. A partir destas experiências, a interação com as pessoas e materiais disponíveis desencadeia processos de aprendizagem ativa.

A organização da rotina e das atividades para as crianças em turmas de idades mistas inclui desafios com diferentes níveis de complexidade: tanto as crianças menores quanto as maiores terão condições de desenvolver atividades adequadas ao seu nível/idade e que estimulam seu desenvolvimento adequadamente. Esta diversidade de atividades e níveis de complexidade expõe as crianças a situações novas, inusitadas e inesperadas, que as levam a buscar soluções e alternativas para os problemas criados em grande e pequenos grupos e individualmente. A partir deste referencial, a meta era que o clima das salas passasse a ser de investigação, que as crianças se engajassem ativamente no planejamento que fizeram no momento da assembléia (“planejar”), buscando soluções para os problemas que surgissem ao longo do desenvolvimento de suas atividades, utilizando como recurso a interação com seus parceiros, adultos e colegas de diferentes idades.

A atuação das professoras foi gradativamente sendo revista de maneira a compartilhar com as crianças o planejamento e escolha das atividades e materiais e principalmente na maneira que interagem com elas ao longo da execução do planejamento. Neste aspecto, a meta é que as professoras observem detalhadamente os interesses, escolhas e atuação de cada criança para que possam preparar o ambiente e intervir para torná-lo desafiador, acessível e interessante para as crianças. As professoras, ao longo do ano de 2003, refletiram sobre suas ações pedagógicas (execução de planejamento pedagógico), repensando o foco de suas atuações/intervenções e avaliações para que pudessem permitir que as crianças expressassem seus interesses e objetivos respeitando-as nas suas escolhas, intervindo quando necessário, mas interagindo e observando-as o tempo todo.

O quadro abaixo apresenta algumas mudanças ocorridas durante o ano de 2003. Essas mudanças, tanto estruturais como pedagógicas, ainda estão em desenvolvimento não sendo apresentado aqui uma conclusão de um processo. As reflexões desencadeadas pelo projeto junto ao grupo da Educação Infantil CAU têm influenciado a prática diária vigente, o contato com os pais e, principalmente, a proposta político-pedagógica, pois a tentativa de compartilhar com as crianças o poder de decisão sobre o que seria feito a cada dia, passou-se a aceitar que estas crianças têm possibilidades e capacidades de se revelarem por meio de diversas linguagens, expressarem-se e participar ativamente de todo o seu processo de crescimento e aprendizagem. Desta forma, iniciou-se a refletir sobre a natureza da atuação do adulto, da intervenção pedagógica e, portanto, da base teórica que dá sustentação ao trabalho em sala.

CONTRAPONTO

Rotina diária começa com assembléia para apresentação do dia e de novidades.	Rotina diária começa com assembléia para o "planejar" no tempo livre.
Atuação das professoras baseada no seu próprio planejamento.	Atuação do adulto começa a incluir o planejamento da criança também.
Rotina com atividades estabelecidas pelo adulto para o grupo todo com algum tipo de consulta às crianças.	Rotina com atividades dirigidas pelas professoras e também atividades escolhidas/determinadas pelas crianças ou a partir de suas demandas e pistas restritas ao tempo livre.
Tempo livre restrito aos momentos de espera.	Tempo livre encarado como um momento de aprendizagem.
As professoras propõem atividades e dirigem o processo de trabalho da criança.	Quando as professoras propõem atividades, dirigem o processo de trabalho da criança, mas permitem que descubra novas maneiras de executar a mesma tarefa. Quando as atividades são escolhidas pela criança, as professoras ainda se omitiam de intervir para acompanhar o processo de trabalho.
Materiais disponíveis de acordo com proposta da professora.	Materiais disponíveis para as crianças o tempo todo para exploração e utilização.
Atividades visando produto final estabelecido pela professora.	Atividades com produto final estabelecido parcialmente pelas crianças.
A natureza dos diálogos com as crianças era mais instrucional.	A natureza dos diálogos com as crianças começa a ser mais exploratória para compreender seus pontos de vista, interesses e demandas.
Intervenção do adulto com ênfase nas intervenções para o grupo todo e, individuais, ocasionalmente.	Intervenções do adulto começam a ser direcionadas para a criança individualmente ou em pequenos grupos não desaparecendo a intervenção para o grupo todo.
Uma atividade para o grupo todo (ex. todos confeccionam um presente para os pais com o mesmo material e formato).	Mais de uma alternativa de atividade dentro do mesmo tema proposto pela professora.
Salvo as ocasiões especiais, as crianças permaneciam vinculadas somente nas atividades desenvolvidas para seu grupo.	Começa a ser permitido que as crianças circulem em outros espaços da Educação infantil para interagir e participar de outras atividades em outras salas.
O espaço do corredor era utilizado como espaço de circulação.	O corredor começa a ser utilizado como mais um espaço de atividades para o grupo e para interação e integração com outros grupos.
Turmas homogêneas em relação à faixa etária.	Planejamento para grupos de idades mistas para o ano de 2004.

Quadro I: Mudanças verificadas ao longo do ano de 2003.

A intervenção do grupo PINTEI e a ação dos estagiários contribuíram para que a prática pedagógica fosse problematizada, provocando a avaliação e reestruturação da rotina diária e das interações. Este processo de avaliação e reestruturação da rotina gerou uma inquietude natural e desejável durante o processo de intervenção. A equipe da educação infantil recebeu bem a proposta do programa e demonstrou interesse em implementá-lo. Apesar disso, ao longo deste primeiro ano de trabalho em parceria com o grupo PINTEI, a equipe do CAU, mesmo questionando a sua prática habitual, em alguns momentos, sentiu as mudanças como ameaçadoras, manifestando algumas resistências. Para o grupo PINTEI, o enfrentamento dessas resistências, na maioria das vezes relacionadas a

ações já automatizadas e cristalizadas por cada uma das professoras, constituiu-se em um desafio que criou oportunidades de aprendizagens no que se refere ao conhecimento da dinâmica da equipe da Educação Infantil do CAU. As resistências vividas pelas professoras chamaram a atenção do grupo PINTEI para a necessidade de conhecer melhor a dinâmica daquela equipe permitindo que a implementação do projeto fosse feita respeitando o ritmo de aprendizagem e aceitação da nova proposta e de acordo com as demandas da rotina diária de cada turma e de cada professora. Todo o trabalho foi desenvolvido com a equipe de professoras e coordenação da educação infantil do CAU, mas lidamos também, ao longo de todo o ano de 2003, com cada turma individualmente para atender as suas especificidades. Neste sentido, a contribuição dos estagiários de Psicologia foi essencial já que eram eles que mantinham contato freqüente com as turmas.

Esta intervenção faz parte da primeira etapa do programa PINTEI e centra-se na reflexão sobre a extensão da atuação do professor em relação à execução do planejamento pedagógico. Começou-se a desenvolver um planejamento que permite que as crianças compartilhem com os adultos as tomadas de decisão com relação às atividades a serem desenvolvidas. A partir do que já vem sendo realizado tem sido possível programar as próximas etapas do PINTEI que inclui a expansão da formação continuada de professores da educação infantil para além dos limites da UNIVALI, contando com a participação destas professoras como formadoras. Como parte da intervenção tem sido também desenvolvidas pesquisas que permitem monitorar o processo desta intervenção visando a melhoria da qualidade da prática diária em sala nos seguintes aspectos: interação professor/crianças; avaliação do ambiente de sala e externo; interação professoras e pais/família; envolvimento das crianças com as atividades; e acompanhamento às crianças com necessidades especiais. Essas pesquisas têm ajudado a apontar caminhos que levem a otimização da rotina diária e das atividades para a promoção do desenvolvimento integral da criança.